

UE ganhou a guerra do gás? É cedo para comemorar ⁽¹⁾

David Sheppard ⁽²⁾

A Europa estaria, de repente, ganhando a guerra do gás com a Rússia? Os preços caíram quase 65% desde o pico histórico em agosto. Os estoques em todo o continente estão cheios, prontos para abastecer residências e indústria neste inverno europeu. Até os navios-tanques de gás natural liquefeito (GNL), que compradores desesperados tiveram que lutar para arrancar da Ásia, estão agora tão cheios que congestionamentos estão se formando fora dos terminais europeus, enquanto os navios aguardam para descarregar.

Depois de meses temendo um inverno de escassez e transtornos devido ao corte do fornecimento de gás pela Rússia, a maioria dos operadores admite cautelosamente que a sorte da Europa melhorou. O clima mais quente que o normal nas últimas semanas adiou o começo da estação de aquecimento, deixando um colchão maior de gás para os meses de frio, enquanto as empresas europeias cortaram acentuadamente o consumo.

Mas uma nota de cautela ainda paira no ar. Ousar acreditar que a crise energética de alguma forma foi resolvida é perigoso dada a escala do desafio restante. Os preços continuam muito altos, especialmente para o começo do ano que vem. E, quando o frio finalmente chegar, ainda há o temor de que a Europa possa rapidamente queimar suas reservas de gás, levando potencialmente a um aperto extremo do fornecimento após o Natal. A cerca de 115 por megawatt-hora, o preço do gás ainda é equivalente a US\$ 180 o barril em termos de petróleo. Os contratos futuros de dezembro e janeiro estão acima de US\$ 230 o barril equivalente.

“O quadro na Europa é que as pessoas estão um pouco complacentes – os preços caíram, os estoques estão cheios, mas ainda é cedo para dizer que tudo ficará bem”, disse Alex Tuckett, chefe de Economia da CRU Group, consultoria de commodities. “Não sabemos quão frio será o inverno, ainda não estamos na temporada de aquecimento. A grande variável é o clima.”

Outros estão um pouco mais otimistas. Henning Gloystein, da consultoria Eurasia Group, diz que a Europa pode se dar ao luxo de estar um pouco mais confiante por ter preenchido suas instalações de armazenagem – o suficiente para atender cerca de dois meses da demanda por gás – embora a um preço dolorosamente alto.

“Os tanques de armazenamento cheios tornam o racionamento de energia e os apagões no inverno menos prováveis, diminuindo, embora não evitando, o risco de uma recessão”, disse Gloystein.

Mas o fator clima pesa sobre o mercado de gás e significa que não se pode dizer que o pior já passou. Se o inverno for brando, então a Alemanha, maior economia da Europa, poderá terminar o inverno com seus estoques quase cheios. Mas, se for um pouco mais frio que o normal, então “os estoques de gás da Alemanha ficarão quase

zerados até o fim de março, possivelmente exigindo um racionamento no fim do inverno ou cortes no fornecimento”, disse Gloystein.

Isso leva a um dos maiores temores do setor: ainda que a Europa consiga sobreviver a este inverno, o ano que vem poderá ser pior. A primavera trará algum alívio da crise imediata. Mas o mercado de gás não para. Quando a demanda por aquecimento cai, a corrida para repor estoques recomeça.

Mas ao contrário dos primeiros seis meses de 2022, quando os suprimentos da Rússia ainda fluíam para a Europa, apesar da invasão da Ucrânia por Moscou, a suposição é que desta vez os suprimentos serão próximos de zero. Portanto, o continente enfrentará uma batalha difícil para começar o inverno de 2023-2024 na mesma posição forte em que se encontra hoje.

A Europa já recorreu a quase todas as fontes de gás disponíveis. Há pouco em termos de alta do fornecimento mundial esperado até a metade desta década. A União Europeia (UE) elevará sua capacidade de importar GNL via terminais flutuantes na Alemanha e Holanda, mas eles estarão competindo pela mesma oferta limitada. E, sem o gás russo, a UE precisará de ainda mais GNL nos próximos 12 meses.

Portanto, o preço relativamente baixo do gás no momento pode ser o melhor cenário possível por um tempo. O mercado futuro já está refletindo esse temor, com contratos sendo negociados acima de US\$ 200 o barril equivalente até o primeiro trimestre de 2024.

Preços menores ainda poderão se materializar. Executivos do setor de energia da Europa acreditam que a extensão total da destruição da demanda ainda está para ser vista, uma vez que algumas empresas ainda estão protegidas por contratos de longo prazo que as suprem com gás a preços bem abaixo das taxas do mercado.

À medida que contratos foram terminando nos próximos meses, devemos ver mais empresas vulneráveis aos choques nos preços. E essa é a maneira clássica do mercado para reduzir a demanda. Mas aqueles que perderem sua renda não ficarão felizes caso a gasolina fique um pouco mais barata.

Se a França puder finalizar a manutenção de seu parque nuclear, poderá haver um alívio mais positivo, pois menos gás precisará ser queimado para gerar eletricidade em todo o continente. Mas o resultado mais provável ainda é que os governos continuarão sob pressão para dar um apoio importante às famílias nos próximos 18 meses. O aperto dos orçamentos familiares da classe média também deve aumentar as pressões econômicas.

Então a Europa está ganhando a guerra do gás? No longo prazo, está demonstrando que as economias de mercado podem encontrar um caminho. Mas, infelizmente, há muito sofrimento por vir.

(1) Artigo publicado no Valor Econômico. Disponível em: <https://valor.globo.com/mundo/noticia/2022/10/30/ftanlise-ue-ganhou-a-guerra-do-gs-cedo-para-comemorar.ghtml> . Acesso em 30 de outubro de 2022.

(2) David Sheppard é editor de energia do Financial Times.